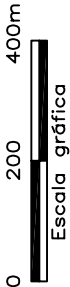
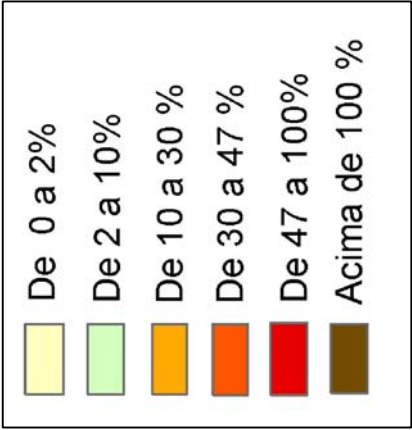


MAPA DE DECLIVIDADES LOCAIS

LEGENDA



Cliente:	AGRE URBANISMO
Localização:	ITATIBA-S/P
Título:	MAPA DE DECLIVIDADES LOCAIS
Projeto:	EIA/RIMA-LOTEAMENTO RESIDENCIAL SETE LAGOS
Execução:	PA BRASIL
Data:	JULHO/2010
Escala:	GRÁFICA
Desenho:	ANSELMO
Responsável Técnico:	Marco Tadeu Novais dos Santos
Geólogo:	CREA: 0000254005
Geógrafo:	Ana Lydia Machado
CREA:	0601632743
Fonte:	SETEG CONSTRUÇÕES E EMPREENDIMENTOS LTDA-09/08
Figura:	5.4.1-1

As cinco classes de declividade são apresentadas detalhadamente no Quadro 5.4.1-I-:

**Quadro 5.4.1-I-: Características das Classes de Declividade adotadas na gleba do loteamento residencial SETE LAGOS, Itatiba, SP**

Classe	Declividade	Características
<b>Classe A</b>	0 a 2 %	Compreende áreas planas ou com declives suaves, onde o escoamento superficial é lento ou muito lento. A erosão hídrica não é significativa e, quando necessário, práticas simples de conservação do solo são suficientes para o controle da erosão, como, por exemplo, a manutenção de cobertura vegetal. Recomenda-se, no caso de vertentes muito longas e/ou que recebem enxurradas de áreas vizinhas situadas à montante (setores mais baixos), maiores cuidados de conservação. Nestes casos projetos adequados de drenagem, sistema de terraços e faixas de retenção, podem ser necessários em virtude de problemas de inundação e drenagem.
<b>Classe B</b>	2 a 10 %	Engloba terrenos suaves, inclinados em relevo geralmente ondulado, onde o escoamento superficial (deflúvio) torna-se lento até médio. Para alguns tipos de solos que se desenvolvem nestes declives, a erosão hídrica não é significativa. Porém, muitos solos necessitam de práticas simples de conservação do solo, enquanto em solos muito erodíveis e com comprimentos de rampa muito longos, proteções com práticas complexas (projetos de drenagem, sistema de terraços e faixas de retenção) podem ser necessários.
<b>Classe C</b>	10 a 30 %	Compreende terrenos inclinados em relevo ondulado. Geralmente o escoamento superficial é rápido para a grande maioria dos solos, a velocidade das águas aumenta e ganha competência no transporte de materiais superficiais. Em alguns casos a erosão hídrica pode ser controlada com práticas simples. Porém, na maioria dos casos são necessárias práticas mais complexas, como o terraceamento ou mesmo obras de drenagem específicas, para que seja utilizado intensamente. Para o seu uso, tornam-se necessários prever obras de controle de erosão com base em estudos específicos, incluindo projetos de drenagem.
<b>Classe D</b>	30 a 47 %	Constituem-se terrenos fortemente inclinados, onde o escoamento superficial é muito rápido. Portanto, também nessa classe, os solos são extremamente suscetíveis à erosão e processos de movimentos de massa (escorregamentos) podem ser deflagrados. Os terrenos devem ser utilizados preferencialmente para manutenção da fauna e/ou cobertura vegetal (reflorestamentos e gramíneas). Há sérios impedimentos ao uso devido aos processos do meio físico atuantes, exigindo práticas muito complexas de controle de erosão (projetos de contenção e drenagem) e escorregamentos.
<b>Classe E</b>	47 a 100 %	Constituem-se de terrenos íngremes, onde o escoamento superficial é sempre muito rápido. Nessas classes, a grande maioria dos solos é extremamente suscetível à erosão onde o manejo exige a combinação de estudos e projeto de drenagem adequados. Correspondem também a terrenos com potencial a movimentos de massa (escorregamentos). Devem ser utilizados preferencialmente para manutenção da fauna e/ou cobertura vegetal (reflorestamentos e gramíneas). Para a sua utilização são necessários Projetos Especiais de Urbanização.
<b>Classe F</b>	Maiores que 100 %	Correspondem a terrenos muito íngremes, onde normalmente nenhum solo se desenvolve ou só existem solos muito rasos, geralmente em associação com exposições de rochas. Portanto, tais terrenos são inadequados ao uso e devem ser mantidos como áreas de preservação da flora e/ou da fauna silvestre

Fonte: PA Brasil, 2009;

De acordo com o Plano Diretor do município de Itatiba - Lei 3.759/2004, as áreas com declividades superiores a 30%, só poderão ser urbanizadas quando comprovada a viabilidade técnica, já nas áreas com declividade igual ou superior a 40% não poderão ser ocupadas com lotes.

Recomenda-se que esses terrenos sejam utilizados preferencialmente para manutenção da cobertura vegetal (reflorestamentos, gramíneas ou nativas).

Neste contexto, a partir dos resultados obtidos pela análise das declividades locais, ficou evidenciada a ocorrência predominante de terrenos com **declives abaixo de 30%**, nas quais é permitido o parcelamento do solo (Lei Federal nº 6.766/1979 e Lei Municipal nº 3.761/2004).

Destaca-se as declividades entre 10 e 30% - Classe C, cuja ocorrência é registrada em mais de 37% da gleba, seguida pela Classe D – 30 a 47%, com mais de 20%; a Classe B (2 a 10%) que ocorre em cerca de 16% das terras e a Classe A, de declives abaixo de 2% que tem sua distribuição associada aos fundos de vale e topos de morrotes.

As terras com declividades superiores a 30% e, portanto passíveis da aplicação das restrições de uso preconizadas na Lei Federal 6.766/79, representam cerca de 10% da Gleba, porém destes, apenas 0,2% são declives acima de 100%, associados aos fundos de vale.

A seguir, as Figuras 5.4.1-2 e 5.4.1-3 apresentam a área em estudo:



**Figura 5.4.1-2 Visão Geral do Setor Norte da gleba, com declividades abaixo de 30% na Gleba Sete Lagos, Itatiba, SP.**

Fonte: PA Brasil, 2009.

**Figura 5.4.1-3 Visão Geral Central da gleba, em direção ao Setor Leste. Observe assimetria do vale, com declividades abaixo de 30% em um setor e acima em seu lado oposto, Gleba Sete Lagos, Itatiba, SP.**



Fonte: PA Brasil, 2009;